

ESTADOS UNIDOS

Um convite ao futuro

Ao aceitar a indicação como candidata à Casa Branca, Kamala Harris encerra a Convenção Nacional Democrata com um discurso histórico. A vice de Biden promete governar para todos os americanos e deixar para trás a amargura e o cinismo

» RODRIGO CRAVEIRO

O discurso mais importante da vida de Kamala Harris focou-se em sua biografia, no convite à reconciliação nacional e em um alerta sombrio sobre os EUA no comando, mais uma vez, do republicano Donald Trump. No último dia da Convenção Nacional Democrata, na arena United Center, em Chicago, a vice de Joe Biden aceitou oficialmente a indicação do partido como candidata à Presidência e avisou que governará para os 341 milhões de norte-americanos. “Eu serei Kamala Harris para o povo”, anunciou, às 21h45 de ontem (23h45 em Brasília), 15 minutos depois de subir ao palco. “Eu aceito a nomeação”, declarou.

Kamala afirmou que, em 76 dias, os EUA terão uma “oportunidade preciosa e fugaz de deixar para trás a amargura, o cinismo e batalhas divisivas do passado”. “Eu sei que há pessoas de várias visões políticas nos assistindo. Quero que vocês saibam: eu prometo ser a presidente de todos os americanos”, insistiu. “Uma presidente que nos une em torno de nossas mais altas aspirações. Uma presidente que lidera — e escuta. Que é realista, prática, tem senso comum e sempre luta pelo povo.” A democrata declarou que se levantará pelas crianças e mulheres contra predadores e abusadores sexuais.

Não faltaram críticas a Trump. “De muitas formas, Donald Trump é um homem pouco sério. Mas as consequências de devolvê-lo à Casa Branca são extremamente sérias. Considerem o poder que ele terá, especialmente depois de a Suprema Corte dos EUA decidir por sua imunidade nas acusações criminais.” Kamala acusou Trump de propagar o extremismo e de perseguir jornalistas. A proteção à aposentadoria e ao plano de saúde Medicare e o fortalecimento da classe média também foram destacadas como planos de governo.

A ex-senadora da Califórnia e ex-promotora rendeu um tributo à mãe, a indiana Shyamala Harris. Contou que Shyamala mudou-se para os EUA, aos 19 anos, com o “sonho inabalável” de ser a primeira cientista que curaria o câncer de mama. Descreveu como a mãe sustentou a família. Também

Saul Loeb/AFP



Kamala Harris discursa no palco do United Center, em Chicago: homenagens à mãe, apelo à união nacional e acenos para a classe média

Trump usa muro da fronteira como cenário para pronunciamento

Um dia depois de acusar os democratas de ignorarem o tema da imigração ilegal em sua Convenção Nacional, em Chicago, o ex-presidente republicano Donald Trump visitou Sierra Vista (estado do Arizona), na fronteira com o México, acompanhado de mães de crianças imigrantes mortas na travessia. “O que Biden e Kamala fizeram às famílias aqui comigo e com tantos outros, milhares e milhares de outros, não apenas mortos, mas também gravemente feridos, a ponto de nunca mais levarem uma vida normal, é vergonhoso e mau”, declarou o magnata. “Biden foi o pior presidente da história dos Estados Unidos, por causa do que ocorreu na fronteira”, acrescentou. Trump reafirmou que vencerá Kamala Harris nas urnas, em 5 de novembro. Ele chamou a adversária de “marxista” e alertou que a vice de Joe Biden não ampliará o muro fronteiriço. “Nós teremos fronteiras muito fortes”, prometeu.

revelou que decidiu tornar-se promotora depois de saber que a melhor amiga tinha sido abusada pelo padrasto.

Às 22h20 (hora de Brasília), professores e familiares de estudantes mortos em tiroteios em massa nos EUA deram seus testemunhos, em um dos momentos mais comoventes. Uma mensagem sobre a necessidade de restringir o acesso às armas.

Sucesso

A Convenção Democrata conseguiu energizar a base eleitoral de Kamala e pavimentar o caminho da ex-senadora até o Salão

Oval da Casa Branca. A avaliação é de cientistas políticos consultados pelo **Correio**. Durante quatro dias, as lideranças cerraram fileiras em uma disputa moldada como uma batalha entre futuro e passado, esperança e caos, união e segregação. Barack Obama assegurou que os EUA estão prontos para “um novo capítulo” e adaptou o próprio slogan ao citar Kamala — “Sim, ela pode!”. Bill Clinton declarou que a escolha é simples: “Kamala, o povo” contra “Eu, eu mesmo e eu”. Além dos ex-presidentes, o vice na chapa democrata, Tim Walz, destacou a liberdade como ponto central da eleição.

Olivier Tourn/AFP



Para David Samuels, professor de ciência política da Universidade de Minnesota, a Convenção Democrata foi um “sucesso retumbante”. “Ela exibiu um Partido Democrata diverso, mas unido, e uma base animada pela candidatura de Kamala. A maioria dos candidatos historicamente desfrutou de um impulso de alguns pontos depois da convenção, simplesmente pelo maior reconhecimento do nome.”

John C. Coffee, professor de direito da Universidade Columbia (em Nova York), entende que Kamala Harris gerou entusiasmo, enquanto Trump ainda não encontrou uma maneira de lidar

com a adversária. “Kamala conseguiu reunir os democratas, que ficaram desmoralizados durante a candidatura de Joe Biden. A questão é que ela ainda não articulou um programa de governo muito específico, e não está claro se ela o tem.” Segundo ele, os temas mais fortes de Kamala são o aborto, o meio ambiente e a proteção da democracia. “Para grande parte do eleitorado, Trump parece cada vez mais com Napoleão Bonaparte sobre um carrinho de golfe.”

Timothy Hagle, professor da Universidade de Iowa, concorda com David Samuels sobre a perspectiva de a Convenção dar um

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Kamala Harris está fazendo o que tem que fazer: destacar sua atitude positiva, em comparação ao mantra constante de Donald Trump de ‘melancolia e desgraça’. Um dos momentos mais surpreendentes da Convenção foi o discurso de Michelle Obama, com algumas de suas tiradas sobre Trump. Ela e Barack permanecem muito populares no país.”

David Samuels, professor de ciência política da Universidade de Minnesota



“Kamala traz esperança, energia e relativa juventude, e isso pode derrotar o ódio, o caos e a amargura que Trump gera. Parte do país votará na percepção de que piorou, economicamente, desde a saída de Trump do poder, em 2020. Isso pode não ser verdade e a inflação parece estar diminuindo, mas as eleições são vencidas mais pela percepção do que pela realidade.”

John C. Coffee, professor de direito da Universidade Columbia (em Nova York)

impulso à campanha de Kamala. No entanto, ele lembra que o estímulo costuma durar pouco. “A chave será como Kamala e Trump se sairão nos debates. Uma questão aqui é se a democrata fará uma entrevista aprofundada para debater temas cruciais. Os eleitores gostariam de saber mais sobre as posições políticas de Kamala”, observou.

“Convenções não preveem o resultado das eleições. Os democratas estão felizes. Eles evitaram os conflitos que assolaram o partido e, também, estabeleceram os temas que definirão a campanha: o direito ao aborto, a proteção da democracia e a dualidade de decência versus imoralidade”, afirmou Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington).

VENEZUELA

Supremo valida reeleição de Nicolás Maduro

O Tribunal Supremo de Justiça da Venezuela (TSJ) certificou, ontem, a vitória do presidente Nicolás Maduro nas eleições de 28 de julho passado para um terceiro mandato de seis anos. “Com base nos resultados obtidos no processo pericial, podemos concluir que os boletins emitidos pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) estão respaldados pelos registros de escrutínio emitidos por cada uma das urnas utilizadas no processo eleitoral. Esses registros de escrutínio mantêm plena coincidência com a base de dados dos Centros Nacionais de Totalização”, declarou a presidente do TSJ e da Sala Eleitoral, Caryslia Rodríguez.

De acordo com ela, o TSJ “certifica, de forma inquestionável, o material eleitoral pericial e valida os resultados da eleição presidencial de 28 de julho de 2024, emitidos pelo CNE, onde o cidadão Nicolás Maduro Moros foi eleito presidente da República

Bolivariana da Venezuela para o período constitucional 2025-2031”. Rodríguez proibiu a divulgação das atas eleitorais. A decisão do TSJ causou indignação dos principais líderes da oposição e não é passível de recurso.

Em La Guaira (norte), Maduro classificou a certificação como “contundente”. “O Tribunal Supremo de Justiça em sua Sala Eleitoral, depois de fazer um trabalho técnico, científico, profissional e jurídico, baseado nas leis como Poder Judiciário da nação, emitiu uma sentença histórica e contundente. (...) Santa palavra, que haja paz”, disse.

Edmundo González, o ex-diplomata que se proclamou vencedor do pleito de 28 de julho, avisou: “Não usurparão a verdade”. Também enviou um recado à máxima instância do Judiciário. “Nenhuma sentença substituirá a soberania popular. O país e o mundo conhecem sua parcialidade e, portanto, sua incapacidade de resolver o conflito; essa decisão apenas agravará

Federico Parra/AFP



A presidente do TSJ, Caryslia Rodríguez (C), anuncia a decisão, em Caracas

a crise.” Horas depois, ele divulgou um vídeo no qual disse que o TSJ “procura agradar ao regime”.

María Corina Machado, líder opositora impedida de participar da eleição, desqualificou a decisão do TSJ. “Não existe manobra que possa outorgar um pingão de

legitimidade a Nicolás Maduro, frente ao golpe de Estado que pretendem perpetrar.”

Repercussão

O presidente do Chile, Gabriel Boric, acusou o TSJ de

“terminar de consolidar a fraude” e disse que a sentença está “marcada pela infâmia”. “Não há dúvidas de que estamos diante de uma ditadura que falsifica as eleições, reprime quem pensa diferente e é indiferente ante o maior exílio do mundo, somente comparável ao da Síria, em consequência de uma guerra”, escreveu na rede social X, o antigo Twitter. “O Chile não reconhece esse falso triunfo autoproclamado de Maduro e companhia”, ressaltou. Luis Lacalle Pou, presidente do Uruguai, fez uma declaração na mesma linha e disse que a decisão “apenas confirma uma fraude eleitoral”.

Benigno Alarcon, diretor do Centro de Estudos Políticos e de Governo da Universidad Católica Andrés Bello (em Caracas), afirmou ao **Correio** que a decisão do TSJ contribuiu para o aprofundamento da crise. “Todos sabem que Maduro perdeu as eleições de 28 de julho e se nega a reconhecer o resultado.

Essa situação acaba com qualquer possibilidade de governabilidade democrática. A única forma de Maduro mantê-la será mediante o uso da força. A partir de agora, abre-se uma caixa de Pandora. Qualquer coisa poderá ocorrer, pois o conflito não vai desaparecer. Ele não foi resolvido, mas será canalizado por vias menos previsíveis.”

Alarcon crê que, ao envolver o TSJ, Maduro buscou encerrar o debate. “Apesar das exigências da comunidade internacional para a divulgação do resultado anunciado pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), o órgão não publicará os dados, pois as únicas atas existentes são aquelas que o mundo conhece”, observou. Segundo ele, o Palácio de Miraflores pretende virar a página, com a convocação de eleições regionais e municipais, realizadas no fim de 2025. “É difícil, ou até impossível, que a comunidade internacional reconheça essa decisão. Virá mais pressão.” (RC)